

○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

O encanto de Fão é a sua singularidade. Poder-nos-ão objectar que cada terra é igual a si própria, tem uma personalidade diferente e inidentificável com qualquer outra (cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso).

Não pensamos que as coisas sejam bem assim. Há na verdade terras que se parecem muito umas com as outras, com casas muito iguais, ruas recortadas da mesma maneira, as igrejas a não diferenciarem-se das suas congéneres. Mas Fão é diferente das demais freguesias e isto porque o meio natural além de propiciar diferentes formas de vida, condicionou a evolução arquitectónica e urbanística do burgo. Com efeito, o mar e o rio criaram uma colónia de pescadores que viviam basicamente em comunidade e por isso formaram um tipo de habitação em aglomerado. Atente-se a propósito no lugar da Areosa que seria o núcleo residencial dos pescadores, com ruas e casas muito juntas a defenderem-se possivelmente das ventanias⁽¹⁾.

Ainda o mar (e por que não o rio?) despertaram nos fangueiros uma certa vocação para a aventura que os levou a emigrar preferencialmente para o Brasil e lhes deu um certo adstramento na arte de navegar tornando-os, a alguns, marinheiros de longo curso e reputados construtores navais. Barcos e capitães singraram os mares e canalizaram para a terra fartos pingues que se traduziram em benefícios locais:

caso do hospital de Fão à compita com o de Esposende, a construção de várias igrejas e capelas, sete ao todo, certas ruas com passeios laterais a «cheirar» a cidade, algumas moradias com traça senhoril e os não menos magníficos jazigos do cemitério.

Igualmente o mar possibilitou a existência de uma praia e a praia de Fão pelo suave recorte do seu desenho fez atrair à terra fangueira uma clientela banhista que acabou sempre por se entrosar no tecido local, vivendo os problemas da terrinha e intervindo de uma maneira ou de outra na aquisição do

lidade e uma cultura muito próprias que se expressam, que se exibem na ruas estreitas, no estilo das nossas casas, no desenho das nossas igrejas, no estilo das realizações teatrais, nos passos das nossas danças, no entoar das nossas canções, no arrojo das inovações, no requinte dos trajes à antiga.

Ora compete à Junta defender este património cultural e ambiental que constitui e perpetua a alma de Fão. Perpetua ou perpetuaria pois que a nossa terra desde há anos que está a ser destruída na sua íntima caracterização. Lembrem-se dos pátios antigos (somos os pátios antigos...)? Onde estão eles? Que nos lembre só existe hoje o do edifício do correio velho. Até quando? Outros edifícios (casa da Dona Sarinha) têm sido substituídos por caixotes de betão armado. Isto significa a destruição da nossa identidade cultural, do nosso tipicismo, do nosso ser diferente, enfim da nossa riqueza.

Assim este recado vai direitinho para os da Junta: não deixem destruir Fão. Vai ainda dirigido para a Presidente Municipal, dr.ª Rosa Torres: exigimos-lhe formação, feeling e personalidade suficientes para poder dizer não aos «iconoclastas» desta terram, venham eles de onde vierem.

⁽¹⁾ Tese defendida pelo Coronel Zeferrino Sequeira em números continuados de «O Fangueiro».

Editorial

figurino que Fão hoje apresenta. Estamos a recordar a figura do dr. Manuel Pais, prestigiado homem público lisboeta e que se deixou enamorar pelas belezas físicas de Fão. Ele foi o «construtor» da Avenida que hoje tem o seu nome e que é sem dúvida a artéria com melhor risco que Fão hoje apresenta.

Todos estes factores conjugados atingiram uma impressionante harmonia, um sentido de rigor e funcionalidade, um misto de sonho, de técnica, de saber empírico e poesia consubstanciados numa identidade cultural que traduz ao fim ao cabo a alma fangueira.

Temos uma tradição, uma sensibi-

O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

P.e Manuel de Faria Borda

Ao analisar o tecido social que preencheu Fão na primeira metade do séc. XX, assume especial realce o contributo que para essa tessitura foi prestado pelos seminaristas e padres da freguesia. Eram algo que se destacava na sociedade fangueira tal como os frades no contexto nacional, ao longo de séculos, segundo no-lo assinala Almeida Garrett naquele encantador livrinho que se chama Viagens na Minha Terra, quando aborda a situação criada pelos novos barões.



É aliás curioso o fenómeno ao cotejarmos a freguesia de Fão com as restantes do concelho. Porque foi a

nossa terra alfobre de tantos seminaristas? Será que a piedade dos fangueiros se distinguiu da dos demais?

Não nos parece. A explicação estaria facilitada se dispusessemos de um quadro indicativo da totalidade dos alunos que em cada ano terminavam o exame do 2.º grau nas várias freguesias do concelho. Fão devia destacar-se ou pelo menos apresentar uma densidade igual às melhores. Depois um certo ambiente desenvolto e comunicativo estimulava os jovens para o prosseguimento dos estudos que a via do seminário facilitava. O costume pegou, isto é, querer estudar significava ir para o seminário, criou-se a tradição e a cantera durou até à década de cinquenta, altura em que se liberalizou mais o ensino do Estado.

Já trouxemos a este jornal o nome do P.º Jerónimo Chaves que se destacou como jornalista e enxota-diabos. Hoje

(Continua na pág. 5)

ALCUNHAS FANGUEIRAS

P

PARDALA —
PARRULHO —
PASCOALINHAS — Antepassado tinha nome de Pascoal.
PASSARETA —
PATACA — Um dia uma mulher desta família encontrou uma moeda e passava a vida a mirar e a guardar a sua «Pataca».
PATANISCA — É pequena como uma patanisca.
PRATICANTE —
PATURRO —
PATUSCA — Há mutos anos o Hospital de Fão, que não era naquele sítio, mas sim na misericórdia, andava em obras e quem lá trabalhava, eram mulheres, raparigas. As mães iam-lhes depois levar qualquer coisa para comer num pequeno intervalo. Havia uma rapariga, que era magrinha, fraquinha, cuja mãe era doente ou aleijada, e que lá não podia ir, e então um dia, um homem, ainda parente dela, observou: Vós que sois umas raparigas fortes, uns cavalões, tendes sempre quem vos traga alguma coisa; só a minha prima, coitada, que anda aqui parece uma «Patusquinha», é que ninguém se lembra dela. Assim lhe ficou o nome de Patusca que tem sido passado a todas as gerações.
DO PAU — Um antepassado era um dos melhores e mais conhecidos jogadores do pau do norte.
PELOCA —
PENEDO —
PENEIREIRO —
PEPINO — Antepassado gostava de comer pepino.
PERALTA — Antepassado era alfaiate, vaidoso, gostava de andar arranjado, aperaltado; nunca se sentava para não amarrotar as suas calças. Quando chegava a qualquer lado, diziam: «Olhai o peralta».
PERNA FOFA — Partiu uma perna na Sr.^a do Lago. Esteve retido na cama uns meses e como os tratamentos não eram como

hoje, a perna não ficou perfeita, cedia e daí porem-lhe o Perna fora.
PERNIL — Mataram um dia um porco nessa casa e aconteceu que lhe roubaram um grande pedaço da perna, com o que o dono ficou aborrecido. Daí para a frente, perguntavam-lhe então pelo pernil e ficou-lhe o nome.
PERPETUAS —
PERNA — Tinha pernas e cuidava delas no cortinhal.
PICABICHANOS —
PIDAINA —
PIEIRA —
PIJIRICA — Mulher antiga que fazia compras na praça e se lastimava porque era sempre pijiricada.
 — Tudo me pijirica, tudo me pijirica!
 — Dizia ela!
PILADO —
PINSULA —
PIPA —
PIRA — Uma pessoa antiga foi servir para casa de uma senhora a quem chamavam Dona Pira e o nome passou para a empregada.
PIRRÃO —
PISSORRICA — Gêmeas fraquinhas que nunca saíam à rua e até, mais tarde, morreram ambas no mesmo dia.
PIVÔ — Sempre que lhe levavam algum relógio para consertar ele dizia: Muito bem, isto é só pôr um pivôt.
POLAINAS —
POMBAS —
DO POTE — Antepassado vendia potes pelas feiras.
PREÇO X —
PREGUEIRO — Antigamente não havia fábricas de pregos e como tal havia pessoas que se dedicavam a fazer pregos na forja. Essas pessoas eram os pregoeiros, alcunha que se manteve.
PUXES —

colava muito bem todos os papéis; os colegas pediam-lhe «Quim cola...»

R

RABELA —
RATO —
REGADAS —
REGINAS —
REI DOS TELHADOS — Homem corajoso que ia aos telhados com qualquer tempo, no meio de chuva ou temporais e era muito sabedor.
REMADOR — Era bom remador.
REQUETÉ — Eram as iniciais das tropas de Franco que entraram em Portugal. Havia um homem que usava uma boina igual à dos tropas.
RIACHA —
ROLINHA —
RONCA — Falava muito grosso, lembrando o barulho da ronca.
ROQUEIROS — Chamava a mãe a um miúdo, quando ele era pequeno: «o meu roqueirinho», por ele ser bonito e loirinho. Cresceu e às filhas transmitiu o nome.

Z

ZECAS —
ZÉ DE VELHA — Homem recentemente casado que já não perdia tempo em conversar com os amigos e dizia sempre: «Tenho que me ir embora por causa da minha velha, não posso deixar só a minha velha. Ficou-lhe o Zé da Velha».
ZINGARELHA — Puseram-lhe esta alcunha, pois por ser deficiente motor tem um andar muito desengonçado.
ZIROTO — Mulher que tinha a mania que era valente.

O texto que acabámos de publicar resume as duas folhas que nos faltavam do trabalho que nos tinha sido presente pelo dr. Joaquim Barros Peixoto. Devemos tal deferência ao ex-aluno da Escola Secundária de Esposende Barca Reis Pimenta que o compilou. Os nossos agradecimentos.



O descanso desejado...

HOTEL DO PINHAL ★★ ★


OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE — TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)



Contacte-nos directamente ou através do seu agente de viagens.

Morte por atropelamento

Foi atropelada mortalmente, ao chegar à sua casa de Fão, a sr.^a D. Almerinda Campos Rolo, de 59 anos, casada, que ontem, manhã cedo, tinha ido à vila de Esposende fazer compras. O regresso a Fão, seriam 10 horas, fê-lo pela Av. de Arantes e Oliveira, que margina o rio Cávado, em Esposende. Ao chegar à confluência daquela artéria com a EN Porto-Valença, a transeunte mudou para o lado esquerdo da faixa de rodagem, como mandam as regras. Em tão má hora o fez, porém, que em plena estrada foi colhida pelo automóvel de matrícula espanhola PO-21-26/1, conduzido pelo industrial Joaquim Perez, de 39 anos, residente na Av. das Camélias, 58-6.º, em Vigo. Conduzida de pronto ao hospital de Esposende, pelos bombeiros locais, a inditosa senhora chegou ali já sem vida.



UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES

estamos a construir um banco do futuro

CARTAS AO DIRECTOR

Exmo. Senhor
Dr. Armando Saraiva
Director do Jornal «O Novo Fangueiro»

Tendo chegado ao conhecimento deste Conselho Directivo que o Jornal da digna Direcção de V. Ex.ª «O NOVO FANGUEIRO» inseriu uma notícia proveniente da Câmara Municipal de Esposende, informando que teriam sido negadas as instalações desta Escola Secundária para realização de um Colóquio de Homenagem ao Escritor Manuel Boaventura cumpre-me esclarecer V. Ex.ª de que tal informação, no fundamental, é menos verdadeira.

A correspondência trocada entre a Comissão Executiva do Conselho Directivo que juntamos, é suficientemente elucidativa quanto à inveracidade da notícia acerca da no cedência de instalações.

Quanto ao parecer solicitado, por razões de espólios alimentares existentes adstrictos ao SASE que coordena esta área da Cantina e Bufete, merece e merecerá sempre a quem tal solicitar, o parecer desfavorável.

Agradecendo a publicação deste esclarecimento ao abrigo da Lei da Imprensa apresento a V. Ex.ª os cumprimentos da maior consideração.

Pe'l'O Presidente do Conselho Directivo,

COLÓQUIO MANUEL DE BOAVENTURA

Ex.mo Senhor
Presidente do Conselho Directivo da
Escola Secundária de Esposende

Ex.mo Senhor

Estando marcado para os dias 23 e 24 de Novembro p. f. o colóquio de homenagem ao escritor Manuel de Boaventura que contará com a presença de inúmeros investigadores nacionais e estrangeiros e, tendo havido um primeiro contacto com o Conselho Directivo anterior que preferiu que o assunto passasse para este novo Conselho Directivo, vimos por este meio formular um novo pedido no sentido de nos facultarem as instalações da Escola Secundária de Esposende para a realização do referido colóquio. Mais solicitamos um parecer sobre a possibilidade de, nesses dias, a cantina e bar poderem funcionar sendo feito para isso, se necessário, um contacto com os funcionários desse estabelecimento de ensino, suportando, a Comissão Executiva das Comemorações, as respectivas despesas com horas extraordinárias.

Com os melhores cumprimentos

Pe'l'A Comissão Executiva

CEDÊNCIA DE INSTALAÇÕES

Ex.mo Senhor
Presidente da Comissão Executiva
do Colóquio Manuel de Boaventura
Biblioteca Municipal de Esposende

Ex.mo Senhor:

Acuso a recepção da carta de V. Ex.ª, sem data, relativo à cedência de instalações desta Escola e solicitando ainda um parecer sobre a possibilidade de funcionamento da cantina e bar para os dias 23 e 24.

Decidiu este Conselho Directivo autorizar a utilização do Salão Polivalente nos já citados dias e tendo em atenção o significado das comemorações.

Relativamente ao parecer que nos é solicitado quanto à utilização da cantina e bar, por diversificadas razões é precedente que, de forma alguma, este Conselho Directivo poderia abrir, e não é possível a nossa anuência. Entende-se oportuno sugerir a utilização de organizações vocacionadas para tais apoios situadas nas cercanias desta Escola Secundária.

Para utilização da sala Polivalente, e eventualmente outras salas seria conveniente ter em atenção que nos dias 23 e 24 de Novembro não temos em serviço pessoal auxiliar de apoio.

Agradecemos que seja contactado, para solução deste problema, o professor secretário desta Escola Senhor Dr. JOAQUIM MARQUES REGADO.

Com os melhores cumprimentos.

Pe'l'O Presidente do Conselho Directivo

Exmo. Senhor Director:

Pela presente tomo a liberdade de solicitar a V. Ex.ª, que me seja concedida a oportunidade de responder ao reparo do Exmo. Sr. Artur Costa, inserido no último jornal de que é responsável.

Foi com surpresa que li a carta do Sr. Artur Costa, por desconhecer que fosse o autor do artigo publicado sobre o Facho da Bonança.

O artigo fora-me facultado por um amigo, o Sr. Martins Rego, um estudioso e investigador sobre Fachos e Atalaias do nosso património.

Por esta razão, julguei-o seu autor, pois apenas indicava a revista onde tinha sido publicado. O Sr. Martins Rego já confirmou o meu lapso e informo que desconhecia a sua publicação, no jornal «O Primeiro de Janeiro».

Lamento o engano e presto homenagem ao seu verdadeiro autor, o Sr. Artur Costa.

Porém, não creio estar correcta a sua afirmação de que me fornecera o artigo, dado não o ter recebido, como o comprova a sua carta de 18-12-81 que teve a amabilidade de me dirigir, e em que me informa:

«Não estou assim bem documentado... seria mais útil uma conversa pessoal, que não será muito fácil por falta de disponibilidade. Tenho em meu poder alguns escritos (entre os quais menciona), a Lenda da Bonança».

Dado este esclarecimento, resta-me lamentar que os leitores do jornal e o povo de Fão, não tenham obtido ainda, resposta às duas perguntas com que finalizava o artigo.

Assim, espero que a Junta de Freguesia esclareça as dúvidas formuladas, informando sobre a quem cabe a responsabilidade pela preservação do Facho da Bonança, ao Instituto do Património Nacional. Resta-me propor a sua classificação.

Com os meus melhores cumprimentos.

OSCAR FANGUEIRO

Cumprimentos de Boas Festas para o Director

Para o Director Armando Saraiva, suas Colaboradoras e Colaboradores do jornal «O Novo Fangueiro» deseja o António Torres um novo ano chelo de saúde e felicidades agradecido por tudo o que têm feito e que continuarão a fazer pelo progresso de Fão através desse baluarte que é «O Novo Fangueiro».

Para todos vós os nossos melhores cumprimentos e saudações Fangueiras de terras de Bretagne,

Do António Torres e Ivonne Torres

— Também nos brindou com mais um ramo de lindos poemas o nosso bom amigo Dr. Dinis Vilarelho, uma grande dedicação a «O Novo Fangueiro» desde as primeiras horas.

— Dignaram-se ainda enviar Boas Festas os nossos prezados assinantes e bons amigos Doutor Vasco Teixeira e Exma. Esposa, do Porto e Amândio Caramalho, do Brasil.

Os nossos agradecimentos.

ÀS GARAGENS

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA E AOS MELHORES PREÇOS:

- ELEVADORES DE PISTONS
- ELEVADORES DE 2 E 4 COLUNAS
- MINI-ELEVADORES
- GRUAS HIDRAULICAS
- MACACOS
- LAVAGEM A ALTA PRESSÃO «DIMA»
- MAQUINAS DE LUBRIFICAÇÃO
- COMPRESSORES
- FERRAMENTAS MANUAIS

Consulte-nos

REIMELI, Lda.

RUA 5 DE OUTUBRO, 272 — TELEF. 691018 — TELEX 23623 — 4100 PORTO
AGENTE EM FÃO: JOÃO EMILIO SA PEREIRA — TELEF. 961845

SOUSA MARTINS SONHOU E O OFIR NASCEU

É do poeta Fernando Pessoa, recentemente «descoberto» e de quem tanto se fala agora, querendo alguns que o seu mérito ultrapasse o de Camões e quejandas figuras máximas da nossa Poesia, a frase própria para começo desta recordação de hoje. A frase, lapidar na verdade, é a seguinte: *Deus quer, o homem sonha, a obra nasce!*

Na verdade a ideia nasceu quando o Raul Sousa Martins, que trabalhava em arquitecturas, projectos e desenhos ali num escritório de Engenheiros Reunidos num andar alto da Rua de Passos Manuel, descobriu um pinhal muito esquisito, depois de passar Fão, na margem esquerda do rio Cávado e do lado de cá de Esposende. Os pinheiros tinham as configurações mais estranhas e desconcertantes que era possível imaginar-se. Ou eram tortos como arrochos quebrados ou rastejantes ou ainda curvados como se fossem muito velhos e vencidos pelos contratempos da vida. Mas eram bonitos e originais e compunham um conjunto invulgar em qualquer outra zona marítima do país. Mais adiante havia uma longa e larga praia, de areia doirada e muito fina. Era, sem dúvida, um sítio ideal para fundar no Norte uma estância de turismo que tanta falta fazia, chamando cá para cima os nacionais e estrangeiros que teimavam em ficar pelos Estoris. Naquela altura, a «propaganda nacional» só gritava em todos os tons e aos quatro ventos, em todas as línguas e todas as cores os nomes daquelas praias vizinhas de Lisboa e, como alternativa (!) o Santuário de Fátima. O resto do país nem já paisagem era... E já existia o S.N.I!...

Um dia, feriado se não estamos em erro, o Sousa Martins fez reunir nessa praia parte da Redacção do «Jornal de Notícias» para lhe mostrar a originalidade e a beleza do pinhal, lhe revelar

o projecto que sonhara e que incluía, entre outros valores, um grande hotel, um bom restaurante, uma piscina e vários «chalets» distribuídos entre esses pinheiros esquisitos a que a forte ventania vinda do mar dera formas desconcertantes duma beleza e originalidade extraordinárias. Percorreremos tudo. Sousa Martins, sempre entusiasmado, revelou-nos as primeiras obras que tinha projectado, falou-nos da curiosa lenda de Ofir — nome que daria a toda a estância — e apontou-nos os fortes rochedos batidos pelas ondas altas e bravas que são conhecidos pelos Cavalos de Fão.

No final da demorada visita, ofereceu-nos um requintado almoço num modesto mas aconchegado restaurantezinho numa das ruas estreitas mas muito limpas de Fão, iniciado com saboroso e fresquíssimo marisco da região e concluído com as tradicionais e deliciosas «clarinhas» da terra.

Uns dias depois saía uma página do «Jornal de Notícias» com uma enorme reportagem da já chamada Ofir, com prosa da minha autoria e magníficas fotografias do saudoso José Mesquita.

os comensais com a maior gentileza e as melhores palavras e fiscalizando cuidadosamente os trabalhos da cozinha. A Helena era uma desportista consagrada, atleta dos clubes Fémina e Sport onde praticava, como uma verdadeira campeã, basquete e hóquei em campo, não despresando, no entanto, outras modalidades em que revelava sempre uma categoria difícil de igualar por qualquer outra senhora. E tão poucas então praticavam desporto...

Naquela praia, certo dia, o Luís Retumba, que era também um desportista distinto, muito conhecido no Porto, resolveu fazer «aterrar» a avioneta que tripulava no bonito e convidativo areal. E assim fez, mas a manobra não foi muito feliz e o Retumba acabou por sofrer fortes contusões nas pernas que o obrigaram a mancar durante largos tempos...

Ausente de Portugal, quando voltei fui ver como estava o Ofir, quantas casas se tinham construído no pinhal, como era frequentada a praia. E fiquei contente. O sonho do Sousa Martins realizara-se. O arquitecto e bom amigo Al-



Jornalistas de Lisboa e do Porto em visita ao Ofir, numa foto do grande repórter Tavares da Fonseca

Foi a primeira vez que se falou da bellissima estância que é hoje, muito justamente, um motivo de orgulho para os naturais da região e, com eles, para todo o Norte do país.

Voltamos lá várias vezes, testemunhando o progresso que se ia verificando. O Sousa Martins construiu um restaurante na praia, muito confortável, airoso e funcional, onde íamos com a família e alguns amigos almoçar e passar as tardes engrossando o número de banhistas que já ocupavam longos pedaços do fino areal. A Helena Sousa Martins, esposa do Raul, dirigia os serviços, recebendo

fredo Coelho de Magalhães (que ainda há poucos anos presidiu, com a maior dignidade, aos destinos do Município portuense), foi quem projectou o hotel, apresentando uma obra muito bem estudada, digna do seu nome ilustre, da estância que se pretendia erguer e da região que é, sem favor nenhum, das mais bonitas e acolhedoras de Portugal.

O Sousa Martins, esse continuava a trabalhar na valorização do Ofir e na sua mais eficiente propaganda.

Por amabilidade do amigo Tavares da Fonseca, um mestre da arte fotográfica, publicamos aqui uma curiosa foto



Raul Sousa Martins — a homem que sonhou e tornou realidade o magnífico Ofir de hoje

tirada precisamente num dos recantos do hotel, em dia de visita dum grupo de jornalistas de Lisboa e do Porto que, expressamente se deslocaram à magnífica estância. Vale a pena, pelo menos para a história, pois alguns já desapareceram do número dos vivos, indicá-los pela ordem em que ficaram na foto.

Da esquerda para a direita, vêem-se: o Manuel Alpedrinha, o Lopes do Souto, o dr. Paulo Pombo, professor e produtor da Emissora Nacional e vereador da Câmara Municipal do Porto; o Guilherme de Carvalho que foi de «O Século», do «Diário de Notícias» e do «Diário de Lisboa», bombeiro voluntário e elemento da Cruz de Malta e era o homem mais medalhado do Porto; o Alfredo Marques, que foi chefe da Redacção do «Jornal de Notícias» em Lisboa; o Manuel Ramos, chefe da Redacção e director do «Jornal de Notícias», deputado às Constituintes e vice-governador civil do Porto; o dr. Mário Neves, redactor do «Diário de Lisboa» e director-adjunto de «A Capital», nosso embaixador na União Soviética e orador oficial na última comemoração do Dia

de Camões que teve lugar no Porto; Manuel Azevedo, redactor de «O Primeiro de Janeiro» e do «Diário de Lisboa»; Álvaro Braga, jornalista desportivo muito conceituado no país; sentados: Gomes Branco, redactor do «Diário da Manhã» e Jaime Ferreira, redactor de «O Comércio do Porto» e crítico de Arte; atrás, de pé, vêem-se o Bastos que tinha automóveis de aluguer na Praça dos Poveiros e fôra encarregado de transportar os jornalistas e de casaco branco o Vieira Pinto, distinto violinista que dirigia a orquestra que então tocava no hotel.

O Ofir, mais tarde, passou para a administração do Artur Aires, que era o concessionário do Monumental Casino da Póvoa de Varzim e que faz aumentar muito o tamanho do hotel, enquanto o Sousa Martins se instalava no outro lado do rio, em Esposende, no Hotel Suave-Mar, outro empreendimento turístico de valia, que abriu caminho à Estalagem Zende e ao Hotel Nélia, este em franco desenvolvimento mercê da actuação de Dulce Ferreira, filha do proprietário da empresa Nélia e do nosso

amigo Manuel O. Augusto, um canadiano de origem portuense que é o actual director-geral da simpática unidade hoteleira e de quem há tempos falamos largamente nestas mesmas colunas.

O Governo de então reconheceu, tarde e a más horas, diga-se, o mérito de Sousa Martins, distinguindo a sua acção em prol do turismo com uma condecoração que lhe foi entregue, com mais ou menos solenidade, pelo ministro das Obras Públicas que, julgamos, era o eng.º Arantes e Oliveira. A Junta de Freguesia, por sua vez, deu o nome do esforçado pioneiro de Ofir a uma rua da estância, por aqui ficando a gratidão duma terra — e de um país — por tão singular personalidade, que ofereceu o seu entusiasmo, o seu trabalho e mesmo o melhor da sua vida à obra imensa que um dia sonhara e que está aí para ser conhecida e admirada — cada vez mais útil, progressiva e maior!

Nós limitámo-nos a recordar um amigo que muitos, lamentavelmente, já esqueceram ...

Com a devida vénia de «A Voz da Póvoa» de 23-1-1986.
EMÍLIO LOUBET

P. E MANUEL DE FARIA BORDA

(Continuado da pág. 1)

vimos referenciar um outro sacerdote que se tem distinguido no campo musical. Trata-se do P.º Manuel de Faria Borda, nascido em 7 de Agosto de 1914, filho de Raquel de Faria Borda e de João Dias dos Santos Borda Júnior.

Terminada a escola primária, ingressa no Seminário de Preparatórios, de Braga, onde frequenta o Curso de Humanidade revelando desde logo uma vocação especial para a música. Teve como primeiro mestre da arte dos sons o P.º José Francisco Galvão que foi violinista, pianista e flautista de merecimento. No terceiro ano o aluno Faria Borda arrebatou um prémio pela virtuosidade pianística revelada.

Em 1932 ingressa no curso de Teologia onde a par dos textos da Summa Theológica se dedica com afã e perseverança ao estudo do órgão que vem a manusear com notável mestria.

Ordenado padre, inicia o magistério de Solfejo e de Piano no Seminário Menor e a seguir de Piano e Canto Gregoriano no Seminário Conciliar. Deve aludir-se aqui ao papel verdadeiramente amigo que o P.º Borda desempenhou junto dos seminaristas de Fão. Inteirava-se da sua situação, recomendava-os aos colegas, desencilhava-os de algumas situações menos agradáveis, enfim portava-se, ele e o P.º Job, como um verdadeiro conterrâneo.

Continua os seus estudos de composição e escreve as primeiras obras de carácter religioso que de imediato suscitam o interesse dos meios musicais da cidade de Braga. Como se diz em gíria popular, começa a ganhar nome. Em 1940 é encarregado de compôr especialmente para as comemorações do duplo

centenário da Fundação e Restauração de Portugal um solene *Te Deum* e o motete *Cantate Domino* que foram executados em Braga e Guimarães sob a regência do saudoso maestro P.º Alberto Brás, nascido igualmente no concelho de Esposende. O valor desta actuação foi destacado pelo insigne musicólogo Mário Sampaio Ribeiro que num seu artigo publicado na revista Ocidente de Novembro de 1940 assim se refere ao nosso conterrâneo:

«Das obras dadas em primeira audição importa referir as produções assinadas pelo padre Faria Borda. O *Cantate Domino* surpreende pela grandiosidade de efeitos conseguidos com uma escassez de recursos técnicos que arrepiam. Esta peça bem como o *Te Deum* que se executou dois dias antes e que pude ver por amável deferência do autor, demonstra que o reverendo padre Borda tem compleição musical absolutamente fora do vulgar e faz desejar que o autor busque apetrechar-se quanto antes com os conhecimentos teóricos indispensáveis.»

Animado talvez pelo êxito obtido e pela sugestão calorosa de um nome grande da música, o P.º Manuel Borda matricula-se no Conservatório de Música do Porto onde termina o Curso de Piano com boas classificações. Foi seu mestre o famoso compositor Lucien Lambert com quem estudou Harmonia, Contraponto e Fuga. O prelo, entretanto vai publicando novas obras como Cânticos de Natal, Harpa da Eucaristia, Florilégio Mariano, Florilégio Eucarístico e outros.

Em 1944 funda o coral «Pequenos Cantores da Imaculada» orfeão infantil

do Seminário de Nossa Senhora da Conceição a que o autor destas notas teve a honra de pertencer e que normalmente actuava nas festas daquela instituição. Em 1954 os «Pequenos Cantores» apareceram pela primeira vez numa igreja pública de Braga, cantando solenemente nas «Vésperas» do Santíssimo Sacramento. A exibição conseguida foi tão impecável e causou tal entusiasmo que lhes solicitaram nova actuação numa outra igreja, o que redundou num novo êxito.

Sempre no afã de mais saber e de melhor se aperfeiçoar, o P.º Faria Borda frequentou a Escola Superior de Música em Salamanca, tendo em Julho de 1958 concluído o terceiro ano do Curso Gregoriano. Num curso de 86 alunos de várias nacionalidades, obteve a classificação máxima de 19 valores e os elogios de mestres e colegas.

No fim da década de sessenta deixa os seminários e ingressa no ensino oficial tendo-se aposentado em Julho de 1984.

A par de intensa actividade e de inúmeras solicitações, o reverendo Faria Borda ainda tem tempo para criar na sua terra um coral misto que tem actuado nas cerimónias litúrgicas de Fão e em outras paróquias para onde é constantemente convidado. Todos nos lembramos do notável brilharete acontecido há anos numa missa dominical da Televisão.

Conhecendo-se no entanto a propensão dos fangueiros para o canto, pena foi que o P.º Borda não se aventurasse na criação de um orfeão na sua terra que, dada a «compleição musical» do seu regente, seria um caso muito sério na história da música no distrito de Braga.

Assembleia do Club Fãozense

Um buraco nas Contas

No dia 24 de Janeiro p.p. realizou-se uma Assembleia Geral no Club Fãozense para a tomada de posse da nova Direcção e ainda para a leitura e aprovação do relatório de contas.

Presidiu o Prof. Filipe Santos.

Pelo relatório apresentado soube-se que as receitas atingiram o montante de esc. 1.496.853\$50 e as despesas foram a esc. 1.028.809\$30. Como transitou do ano transacto a importância de esc. 48.926\$20, era suposto pensar que a antiga Direcção entregaria à actual a importância de esc. 516.970\$40. Ora o que efectivamente entregou foi uma caderneta da U.B.P./Fão com o depósito de esc. 67.453\$60. Faltavam assim esc. 449.516\$80. Onde estavam? Este foi o ponto fulcral que dominou as atenções daquela reunião.

A este propósito a antiga Direcção enviou ao Presidente do Conselho Fiscal uma carta que foi lida na Assembleia.

Tanto quanto conseguimos saber, o tesoureiro recebeu das máquinas de jogo o lucro de esc. 449.516\$80; não entregou esta quantia ao Club porque no seu entender a verba não atingiu tal monta. No entanto a Direcção fundamentou o seu cálculo na verba que a empresa das máquinas recebeu pelo aluguer das mesmas.

Ora a referida empresa declarou que recebeu quatrocentos e tal contos e como os lucros eram a meias era fácil concluir à Direcção que o tesoureiro lhe teria de entregar uma importância igual.

O certo é que as coisas estão neste pé. Disse-nos depois o Presidente estar convencido que a obstinação do tesoureiro era derivado ao método «caseiro» da sua escrita.

Na assembleia do dia 24 foi criada uma comissão composta de três elementos da antiga Direcção e dois da actual a quem foi confiada a tarefa de desbloquear a questão. Pelo relatório soube-se

que a festa do Natal das crianças realizada no Hotel Ofir custou esc. 419.044\$. A propósito rectificamos uma primeira afirmação por nós veiculada. O custo do lanche para as crianças foi de esc. 350\$00 e não 120\$00.

De qualquer modo registemos que foi a maior despesa constante no relatório.

Conversando... **SOLIDÃO**

Viver só constitui para uma grande parte da humanidade uma grande infelicidade.

Não é, de facto, muito agradável sentir à nossa volta um mundo de solidão e de silêncio permanente.

A alma humana precisa de convívio, de expansão e de comunicação, mas pode-se viver só e não se sentir isolado.

Todo o ser, homem ou mulher, deve procurar bastar-se a si próprio, muito especialmente, no campo espiritual.

Deve criar um mundo para si, preenchendo-o inteligentemente com coisas simples, mas agradáveis, onde possa encontrar prazer e interesse.

Hoje, a rádio e a televisão vêm em grande parte, atenuar muitas vidas tristes e solitárias, conseguindo com as suas vozes, os seus programas e as suas músicas, amenizar parte dessas solidões...

Porque não arranjar, para as horas que ficam vazias motivos belos e agradáveis?

Há a leitura, o convívio dum boa amizade, o cuidado que devemos pôr em tudo que nos rodeia sem ter o pensamento desalentado que não vale a pena fazê-lo.

Não devemos deixar que o desleixo e o abandono nos invada e tentemos usar diariamente as nossas coisas e de viver esse como outra pessoa vivesse a nosso lado.

Tudo isto ajudará a passar as horas e não sentir assim, tão grande, a solidão.

Já tenho ouvido muitas mulheres dizer, que não salem, porque não têm companhia. Acho natural que se goste de sair acompanhado, mas de dia, qualquer mulher pode andar na rua, sem perigo e sem que isso seja reparado, aproveitando assim os dias bonitos e chelos de sol, para sair e distrair-se.

E há tanta coisa que ver...

Exposições de todos os géneros, ouvir bons concertos ou dar simplesmente um bom passeio a pé. É saudável e económico.

Isto vivendo na cidade, claro, porque nas terras pequenas, embora o problema

Proposto pelo Conselho Fiscal foi concedido um voto de louvor à Direcção.

Aproveitamos o ensejo para lembrar aos novos directores que o Club Fãozense se não pode converter numa mera casa de jogo. Há conferências que se podem fazer e que podem contribuir para a ilustração do nosso povo. Quem fala em conferências fala de outras actividades congéneres. Vai muita gente? Vai pouca? O importante é que se façam coisas cativantes e com interesse.

pareça mais difícil, é talvez muito mais fácil.

Todos se conhecem e há o campo mais vasto das relações sociais e amigáveis que tornam, em parte, mais pequeno esse isolamento.

Devemos pensar que a independência que desfrutamos pode ser aproveitada em benefício dos outros.

Porque não procurar ir ver um amigo doente, mesmo que não se tivesse tido, nunca o hábito de visitá-lo?

O doente ficará surpreendido e encantado...

E assim, muitas vezes se pode reatar uma amizade adormecida e que vem preencher um pouco a nossa vida.

Se as suas possibilidades no lhe permitem levar uma lembrança, ofereça-lhe a sua ternura, a sua afeição e a sua companhia.

Verá que, quando entrar em sua casa, ou no seu modesto quarto, não sentirá a sensação de que está só.

Todo o seu ser encontrará uma razão para existir e a alegria que provocou noutro ser, virá reflectir-se na sua própria alma.

E a alegria, é a melhor companhia que pademos desejar.

Através dela? olhar o mundo por outro prisma e sentirá então que vale a pena viver.

A vida é um bem precioso, que nos foi oferecido por Deus e que é preciso aproveitar.

Se nada lhe prende a atenção e não lhe suscita interesse, aprenda a analisar atentamente tudo quanto o rodeia e verá quanta beleza há nas coisas mais simples e insignificantes...

O encanto que se encontra em cada flor, a graça que há nos gestos dos animais, a beleza singela do povo que labuta, a melodia da chuva caindo levemente na janela, a dança louca das folhas numa tarde outonal e tudo... tudo... que com-

(Continua na pág. 7)

Longa Vida



o que é bom da natureza

ÓPTICA

ALEIXO FERREIRA, L.DA

création

ARMAÇÕES — OCULOS SOL

AZAL

RUA DA MISERICORDIA, 2-16 — 4700 BRAGA • TEL. 75777

FUTEBOL EM ACÇÃO



O C. F. de Fão continua a disputar o Campeonato da 2.ª Divisão da A. F. de Braga. Neste momento vai em 2.º lugar, com 21 pontos (dia 10 de Fevereiro de 1986).

Os últimos resultados foram: Fão, 0 - Martim, 1; Negreiros, 1 - Fão, 1; Fão, 3 - Viatodos, 0.

No dia 26 de Janeiro realizou-se em Fão um match entre Fão e Esposende. Foi um jogo amigável longe daqueles prélios antigos em que um Fão-Esposende fazia perder a cabeça a muita gente. Desta vez no grupo de Fão jogaram dois atletas de Esposende e na equipa de Esposende jogaram três moços de Fão. Parece que hoje todo o mundo aceita que Esposende deve ter uma equipa concelhia e que as outras devem ser subordinadas.

De qualquer modo Fão ganhou por 2-1, embora o dr. José Albino tenha afirmado que trouxe de Esposende a equipa Z.

SOLIDÃO

(Continuado da pág. 6)

põe a grande sinfonia da Vida. De tudo isto faça um ramo, e com ele, embeleze a sua.

O próprio Deus, Criador de tanta beleza, mostrou-nos tanta sabedoria que devemos aproveitar a lição!

Se sempre sonhou fazer alguma coisa, porque não tenta, pelo menos pô-la em prática?

Há sempre dentro de nós o desejo inconfessável de realizar um projecto.

Não olhe à idade que tem... é sempre tempo para começar...

Se tem habilidade para a pintura, pinte, não desperdice esse dom, ou qualquer outro, para que se sinta inclinado.

Há grandes revelações em todas as idades.

Até a caridade é um dom e se esse for o seu sonho, pratique-o com todo o calor do seu coração. O estudo e a meditação também nos leva a sermos melhores.

Por isso, a sede de perfeição deve invadir toda a criatura para que a humanidade venha um dia a compreender-se e a amar-se cada vez mais.

Medite em tudo isto e verá que não está só.

Só vive tal aquele que se fecha em si mesmo: o ganancioso, o indiferente e o egoísta, todos aqueles que nada dão e portanto nada podem receber.

Abra o círculo da sua vida espiritual, como quem abre uma janela para deixar entrar o sol.

Além de tudo isto, há a incomparável companhia de Deus, invisível, mas presente, com quem poderá falar todos os dias.

CÉCILIA PAIXÃO DE AMORIM

A equipa de Fão alinhou: Fino (Zé Azevedo), Jorge, Carvalho, Paulo e Chico (Zé Manel); Zé Alexandre (Carneiro), Umberto, Victor (Çapitão); Charuto (Magalhães), Artur e Zelins.

Esposende — Zé Maria (Jorge); Muchacho (Ant. Maria), Óscar, Pires e Mocas; Lima (Pimenta), Zé Carlos (Júlio), Carrico (Pedro), Carlitos, Rodolfo e João Maria.

Rodolfo marcou o 1.º golo aos 5 minutos da 2.ª parte; Charuto pontuou ao 20 minutos e Magalhães marcou o 2.º golo (do Fão) aos 43 minutos.

No Fão salientaram-se (assim nos pareceu) os números 7 e 11. No Esposende quis-nos parecer que os moços de Fão são jovens promissores.

A arbitragem (de Fão) não mereceu reparos.

DOENTES

— Encontra-se bastante doente na sua casa em Fão o nosso amigo Manuel Gonçalves Sacramento. Sabemos que não aceita visitas embora tenham sido inúmeras pessoas que junto da família procurem inteirar-se do seu estado. O Né é uma pessoa muito querida e popular em Fão pelo que a sua doença provocou grande consternação na terra.

— Também se encontra internado no Porto, sofrendo de doença grave, o nosso prezado assinante Lino dos Reis.

Para estes dois doentes apeteçemos desejos de melhoras.

Aumente o seu Colesterol!

Cá estamos de novo, na benemérita intenção de ajudar a subidazinha do colesterol, de maneira gostosa e agradável... Para hoje, temos o

COELHO À TANSMONTANA

Tiram-se as vísceras ao coelho e corta-se em bocados. Picam-se 3 cebolas de tamanho médio e junta-se-lhe salsa em quantidade equivalente à da cebola picada.

Deitam-se numa caçarola camadas alternadas de cebola com salsa e, de bocados de coelho.

Tempera-se com sal, 2 colheres de sopa de manteiga, uma de azeite e outra de banha.

Põe-se a caçarola em lume brando, bem tapada, e agita-se de vez em quando (sem destapar), jara que o cozinhado não pegue.

Só se destapa para ir para a mesa. Vão ver que os transmontanos têm bons gostos culinários...

Agora, que tal umas bolachinhas para a merenda?

BOLACHA ECONÓMICA

Açúcar, 250 gramas; farinha, 500 gramas (com fermento); manteiga, 100 gramas; leite, 120 gramas (um quarteirão).

Mistura-se a manteiga com o açúcar, junta-se-lhe o leite morno, a seguir a farinha e um pitado de sal.

Logo que a massa ligue, trabalha-se, estende-se depois com o rolo e cortam-se as bolachas o mais finas possível.

Vão ao forno em tabuleiro polvilhado de farinha triga.

E por hoje, está tudo. Estimamos que agrade e que o sr. colesterol não se recuse à subidinha habitual.

Até à próxima, se Deus quiser.

TIA MARIQUINHAS

© NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Dr. Armando Saraiva

Dr.ª Maria Emília Corte-Real

Tia Mariquinhas

Artur Costa

Cecília Paixão Amorim

Dinis de Vilarelho

Zinha

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saraiva

José Augusto A. Nobre Madureira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Cima n.º 5 — Fão

Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA

Praça João XXIII — Telef. 60318

4490 Póvoa de Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual 500\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através de «Os Correios» será por conta do assinante

Falecimento

No mês de Dezembro e após doença de pouca duração, faleceu em Fão, Hermínia Matias que deixou os seus familiares na maior dor.

«O Novo Fanguero» apresenta sentidos pêsames.

O Mundo em que vivemos

O LUME DA MORTE

Não se sabe se foi o lume de um cigarro inacabado, se o lume de acolhedora braseira. Ambos podem ser instrumentos de morte e ambos estavam presentes o quarto do José Carlos Teixeira, aquela oite.

Foi o lugar da Triana, areosa, a dois passos do Porto. O «quarto de dormir» da José Carlos era um barraco, pois a humilde casa dos pais, de tão exígua, não comportava quarto para o filho. Foi preciso fazer aquele anexo, onde o moço pernoitava.

Há algum tempo que o José Carlos estava a cumprir o serviço militar, em Tancos. Sempre que podia, dava uma fugida à terra, para matar saudades dos pais e talvez de mais alguém...

Passou o Natal no Quartel mas foi-lhe concedida uma licença para o fim de ano. E ei-lo que chega, alegre, pleno

de entusiasmo, dizendo aos amigos que vinha cheio de projectos.

Nessa noite, José Carlos recolheu tarde ao «quarto». De madrugada, um vizinho reparou que do barraco saíam grossos raios de fumo. Alertados os pais, a porta foi arrombada. Demasiado tarde. José Carlos estava morto.

Caído de bruços, já próximo da porta, tinha ainda as mãos estendidas para esta, numa luta desesperada para a alcançar, para ultrapassar o obstáculo que o separava da Vida. Mas não conseguiu. Ficou pelo caminho. O fumo deve tê-lo asfixiado.

Os projectos que trazia consigo nada mais foram que projectos. Ficaram suspensos no tempo de um futuro que não se cumpriu.

José Carlos, soldado sem guerra, perdera a sua única e decisivo batalha.

E. REAL

FINALMENTE OBRAS NA PRAIA

— Apúlia reage

«Esquecida durante centenas de anos — terá sido o brigadeiro de Engenharia Custódio Gomes de Villas Boas, antes da segunda invasão francesa, o último a cuidar dela —, a zona terminal do rio Cávado foi objecto nos últimos anos de alguns melhoramentos, ainda que muito limitados.

«Em 1977, assistimos à conclusão do molhe da barra, com uma extensão aproximada de 110 metros. Continuamos agora com a melhoria da embocadura do rio e simultânea defesa da avenida marginal, que nos últimos anos, quando dos temporais, sofreu consideráveis danos provocados pelo avanço das águas do mar».

Assim se exprimiu em Esposende o eng.º Oliveira Martins, actual titular das Obras Públicas, esposendense de nascimento, no acto da consagração da empreitada da melhoria hidráulica da foz do Cávado, que se realizou no salão nobre da Câmara de Esposende, com as presenças do presidente da Câmara, eng.º Lusa de Faria, eng.º Munhoz de Oliveira, director-geral de Portos, e ainda do chefe dos serviços de obras daquela direcção-geral, eng.º Silva Cardoso.

Trata-se, sem dúvida, de duas obras muito importantes para Esposende. A foz do Cávado torna-se particularmente perigosa, sobretudo quando o mar golga a restinga e depois se espalha pela avenida da beira rio, pondo em perigo as residências daquela artéria, como aconteceu há quatro anos.

As referidas obras resumem-se a um pontão que vai do cabo Velhano até ao edí-

fício dos socorros a naufragos, na margem direita.

Pretende-se com estas obras disciplinar as águas, o que vem facilitar, espera-se, a vida dos pescadores e desenvolver os inegáveis condições turísticas do local.

As obras de enredamento vão criar um imenso espaço de terra, que as autoridades responsáveis estudarão condignamente.

O esporão que se vai iniciar na praia de Fão veio por assim dizer salvar a praia de Ofir, a qual estava irremediavelmente perdida, se não fora a construção do molhe ora em curso. Depois das obras efectuadas na praia de Esposende, a praia de Fão começou «a ser comida lentamente». Primeiro, foram as casas dos pescadores, algumas transformadas em residências de veraneio, onde o mar entrou como faca em manteiga. Depois, começou a ser atacado o restaurante do complexo de Ofir, que só não foi destruído porque a SOPETE atempadamente o protegeu com uma linha de pedras em toda a sua frente marítima. As torres também estavam condenadas e Fão iria ficar sem praia mais ano menos ano.

Primeira Rosa

A brisa passava por entre a roseira, Beijando o primeiro botão que sorria. Já tinham chegado, de longe, a andorinha, O cuco, a cegonha e a rola mansinha. A orquestra dos grilos bem perto se ouvia Assim como o coro das rãs na ribeira. Das verdes colinas dos prados floridos, Subiam perfumes suaves, silvestres, E o sol enfeitava, com fios garridos, As urzes, as malvas e os lírios campestres. As jovens traziam popoilas nas tranças E sobre as orelhas, cerejas rosadas, À roda brincavam alegres crianças Cantando felizes, cantigas doiradas Enquanto passavam as aves na esfera. E à noite as estrelas e a melga lucina Cobriam de afagos a rosa-menina. Cercada de aromas, de sons, de alegria, De encantos, primores, de luz, Primavera, A rósea florinha, sonhando, pensou Que a sua existência, rosada seria Com beijos de abelhas, com risos de sol E o doce violino de algum rouxinol...

Mas ai! Mal os olhos rosados abriu, Um rispido vento por ela passou; A tenra corola, feroz sacudiu E a pobre frolinha, de susto, murchou. As pétalas secas, lá foram caindo... Passaram os homens, pisaram-nas rindo...

E a infinda alegria que a rosa sonhara, Os homens e o tempo em tristeza mudara. De quantos, de quantas, és rosa perdida, Imagem perfeita, retrato fiel, Que murcham, que morrem na aurora da vida, Pisados, desfeto p'lo Mundo cruel.

DINIS VILARELHO

Podem agora os habitantes do concelho, nomeadamente as populações de Esposende e Fão, respirar em paz. O mesmo não acontece com as gentes de Apúlia, que ficaram entretanto em sobressalto. «Se o paredão de Esposende veio estragar a praia de Fão, as obras das pedrinhas vão danificar a nossa praia», assim pensaram. E com esta preocupação solicitaram logo a seguir à sessão da Câmara uma audiência ao titular das Obras Públicas e ao director-geral de Portos, a quem pediram a suspensão das obras, enquanto não fossem feitos estudos especiais.

Em resposta foi-lhes assegurado que, para já, não havia motivos para alarme. As obras iriam processar-se normalmente e outras se seguiriam, na certeza de que a preservação da praia da Apúlia ficaria sempre ressalvada.

AVENÇA



PORTE

PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO